

2026



UAc.bam
BIBLIOTECA, ARQUIVO E MUSEU
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Documento do mês

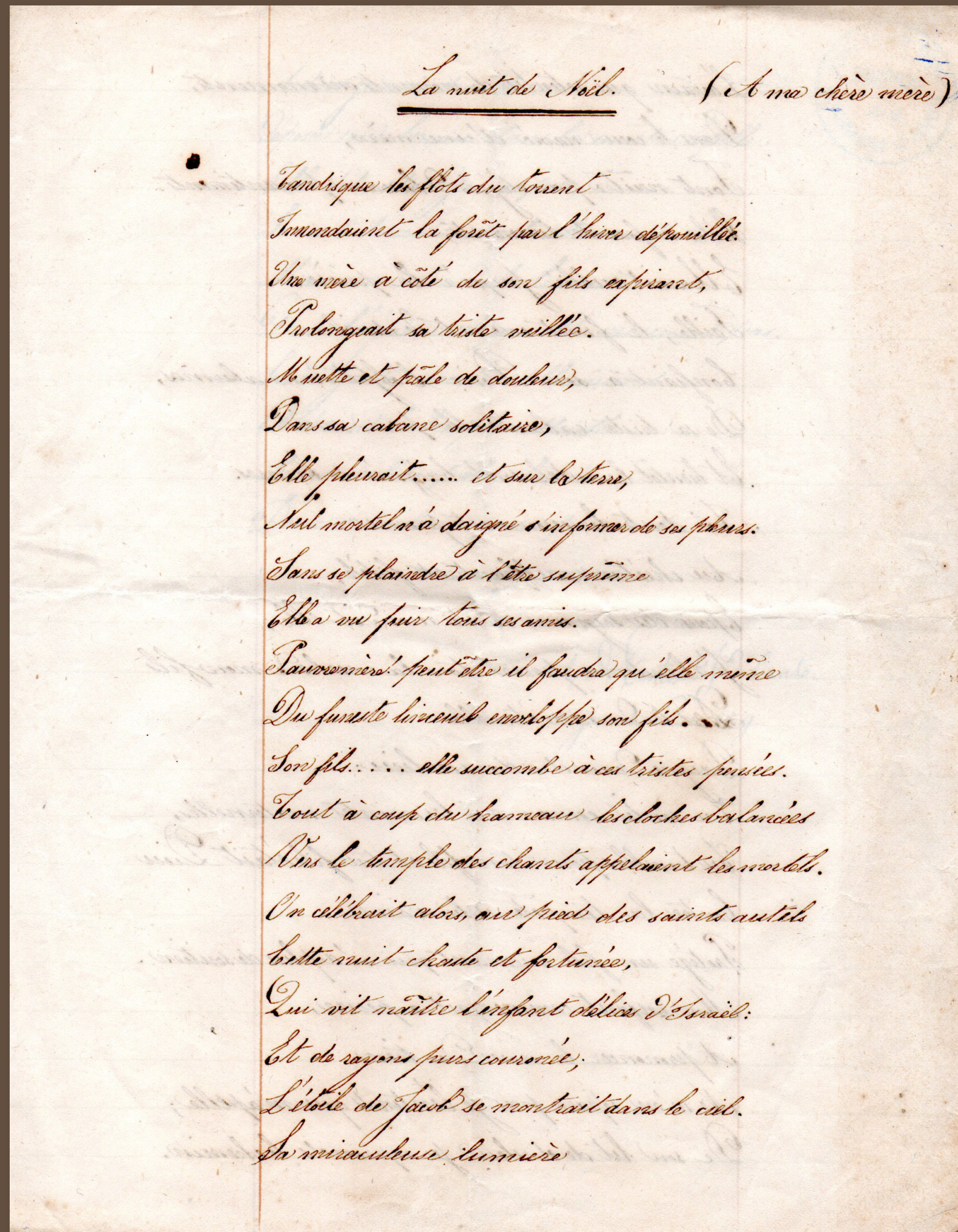
- Maio -



[Anunciação] / Francisco Carreiro da Costa | Março 1941 | Tinta da china sobre papel

Arquivo Francisco Carreiro da Costa, MAV - 1655

Celebrando-se o Dia da Mãe no primeiro domingo de Maio, quisemos, com os documentos seleccionados para este mês, homenagear a maternidade. Apresentamos um desenho de Francisco Carreiro da Costa em que é representada a cena da anunciação e um poema sobre o amor maternal, escrito em língua francesa e dedicado à mãe, Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira (esposa de José do Canto), por António e José do Canto Brum.





L'airain qui retentit de moments ces moments,
Dans le cœur naïve et d'une mère,
Fert recitée par degrés d'innocents serments.
Né à face de tourments,
Elle avait oublié jusqu'à la prière:
Faible, le front couvert de deuil
Confiant à son Dieu l'objet de ses alarmes,
De sa triste cabane elle passe sur un
Et bientôt les autels sont baignés de larmes.
Toi dont le secours est promis
Au chrétien souffrant et fidèle;
Épouse des seigneurs, écoute moi dit-elle;
J'abandonne pour toi la couche de mon fils
Pour les demeures éternelles
Daigne descendre dans ces lieux:
Tu soutes comme moi les craintes maternelles,
Tu tombas pour ton fils et ton fils était Dieu
Contre la tempête ischumiaine
Protège un fils mourant qui n'a plus de soutien.
Mon enfant commençait à peiner,
À prononcer le nom de son Dieu.
Ne m'en sépare pas je l'entends qui m'appelle;
De son lit de douleur je reprends le chemin.

À Dieu je reviendrai demain
Reposé sur son berceau dans la sainte chapelle.
Elle dit, et déjà ses pas,
Se sont tournés vers la chaumière.
Mais au retour de la lumière,
Dans l'église rustique elle ne revint pas.
Les sièges des morts s'allumèrent
Et devant le temple attristé
Le soir à leurs pâles clartés
Deux cercueils incognus passèrent

Fin

et. de Lanta - J. de Lanta.
1^{er} janvier de 1859.

Tradução livre do poema

A noite de Natal

(Á minha querida mãe)

Enquanto as águas da torrente
Inundavam a floresta durante o duro Inverno
Uma mãe junto do seu filho moribundo,
Prolongando a sua triste vigília.
Muda e pálida de tristeza,
Na sua cabana solitária,
Chorava... e sobre a terra,
Ninguém se dignava a importar-se com as suas lágrimas.
Sem se queixar ao ser supremo
zelou por todos os seus amigos.
Pobre mãe! Talvez ela própria tivesse de
Num sudário fúnebre envolver o seu filho.
O seu filho... sucumbe aos seus tristes pensamentos.
De repente do vilarejo os sinos começaram a tocar
entoando cânticos chamando os mortais em direcção ao templo.
Celebrava-se então, ao pé dos altares sagrados
Essa noite casta e afortunada,
Que viu nascer a criança que foi a alegria de Israel:
E de raios puros coroada;
A estrela de Jacob mostrava-se no céu.
A luz miraculosa
O bronze que ressoa de pouco a pouco,
No coração partido de uma mãe,
Fazem nascer, gradualmente, presságios felizes.
Infelizmente à força dos tormentos,
Ela até se tinha esquecido da oração:
Frac, a fronte coberta de luto
Confiando ao seu Deus o objecto dos seus cuidados,



Da sua triste cabana passa os limites,
E logo os altares são banhados de lágrimas.
Àquela cujo socorro é prometido
Ao cristão sofredor e fiel;
Esposa do senhor escuta-me, diz ela;
Por ti desisto de adormecer o meu filho
Para que o faças na sua morada eterna
Digna-te a descer a este lugar:
Sentes como eu os receios maternos,
Tremeste pelo teu filho e o teu filho era Deus
Contra a tempestade desumana
Protegeste um filho quando sabias não poder fazê-lo.
O meu filho estava apenas começando,
A pronunciar o nome do teu filho.
Não me deixes ir, parece-me ouvi-lo pedir;
Do seu leito de dor retomo o caminho.
Adeus voltarei amanhã
Para depositar o seu berço na santa capela.
Diz ela, e já os seus passos,
Se dirigiam para a cabana.
Mas quando a luz voltou,
À igreja rústica ela não regressou.
As velas dos mortos acenderam-se
E diante do templo entristecido
Iluminados pela luz pálida do entardecer
Dois caixões diferentes passaram.

Fim

A. do Canto – J. do Canto
1º de janeiro de 1859

(Arquivo Brum da Silveira – José do Canto Cx. 151)

